INCLUSÃO EDUCACIONAL E SOCIAL DE PESSOAS COM BAIXA VISÃO

Ana Flávia dos Santos*, Maria Elisabete R. F. Gasparetto

Resumo

A baixa visão pode ser descrita como qualquer grau de enfraquecimento visual, que causa incapacidade visual e diminua o desempenho visual. Para melhorar esse desempenho, as pessoas com baixa visão se beneficiam do uso de recursos de tecnologia assistiva. O objetivo deste trabalho é relatar um estudo de caso múltiplo de três sujeitos com baixa visão.

Palavras-chave: Baixa visão, tecnologia assistiva, materiais adaptados.

Introdução

Baixa visão é uma perda grave de visão que não pode ser corrigida por tratamento clínico ou cirúrgico nem com óculos convencionais. Também pode ser descrita como qualquer grau de enfraquecimento visual, que causa incapacidade visual e diminua o desempenho visual (Carvalho et al, 2002). Para melhorar esse desempenho, as pessoas com baixa visão se beneficiam do uso de recursos de tecnologia assistiva. Os recursos de tecnologia assistiva podem ser utilizados para curta, média e longa distância e classificados em: Ópticos, não ópticos, de informática e eletrônicos.

O objetivo deste trabalho foi relatar um estudo de caso múltiplo com sujeitos que apresentam baixa visão e que necessitavam ampliar o uso da visão residual nas atividades de leitura.

Resultados e Discussão

Utilizou-se a abordagem metodológica do estudo de caso. Participaram do estudo três pessoas com baixa visão que utilizavam os recursos de tecnologia assistiva para melhorar o desempenho visual na escola e nas atividades cotidianas. A paciente Joana apresenta baixa visão devido à neurite óptica bilateral associada à hidrocefalia e meningite e procurou o Programa de Reabilitação para Adolescentes e Adultos com deficiência visual, oferecido pelo CEPRE/FCM/UNICAMP, para o treinamento da lupa eletrônica e de recursos não ópticos com as atividades de leitura.

Gabriel foi encaminhado a este serviço para fazer melhor uso da visão residual. Apresenta baixa visão devido à retinopatia da prematuridade, tem atraso no desenvolvimento, dificuldades motoras, alterações de marcha e de equilíbrio. A linguagem oral apresenta-se fluida, contextualizada e com vocabulário variado, porém em alguns momentos apresenta uma fala de repetição. Gabriel tem estrabismo convergente e necessita usar o

tampão por quatro horas por dia para prevenir uma cegueira evitável. O escolar Melo, também apresenta baixa visão devido à retinopatia da prematuridade. Já fez uso do tampão para o tratamento do estrabismo no olho esquerdo. É alfabetizado e utiliza óculos e lupa manual para realizar as atividades de perto e de longe. Possui fala coerente com a idade e apresentou bom desempenho nas atividades propostas.

Conclusões

Para o treinamento com a lupa eletrônica, Joana utilizou materiais adaptados especialmente desenvolvidos para ela. Após a etapa dos treinamentos essa paciente começou a utilizar os materiais convencionais, isto é, sem adaptação.

Após a prescrição e confecção dos óculos, o escolar Gabriel passou a ter melhor desempenho na realização das atividades escolares. Para Melo, as atividades oferecidas favoreceram o treino do resíduo visual, ampliação da esfera visual, coordenação visomotora, bem como, melhor desempenho na leitura e escrita, interpretação, pesquisa e raciocínio lógico. Para todos os pacientes, as atividades desenvolvidas propiciaram melhor desempenho no uso da visão residual nas atividades de leitura favorecendo a inclusão educacional e social.

Agradecimentos

Agradeço à professora e orientadora Maria Elisabete R. F. Gasparetto pela oportunidade e encorajamento contínuo na pesquisa. Agradeço também ao órgão de apoio e assistência ao estudante na Unicamp, o Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) que financiou este estudo.

CARVALHO, K.M.M. (et al). Visão Subnormal. Orientações ao professor de ensino regular. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.